

Migração, gênero e trabalho: o peso do cuidado na construção de redes e oportunidades

Migración, género y trabajo: el peso del
cuidado en la construcción de redes y
oportunidades

Migration, Gender and Labor: the burden
of care in the construction of network and
opportunity

*Svetlana Ruseishvili**
*Ana Maria Gomes Augusti***

1 INTRODUÇÃO¹

Nas últimas décadas, os estudos migratórios avançaram significativamente na compreensão de que as mulheres não apenas acompanham processos migratórios, mas também os protagonizam como sujeitas de suas próprias jornadas (UTENG E CRESSWELL, 2008; KOFMAN e RAGHURAM, 2015; CASTLES, HAAS, e MILLER, 2014). Quando o foco recai sobre a intersecção entre migração e trabalho, a literatura sobre cadeias globais de cuidado tem evidenciado como a crescente demanda por força de trabalho no setor de cuidados, especialmente nos países industrializados, molda dinâmicas migratórias femininas com impactos profundos nas estruturas familiares (EHRENREICH e HOCHSCHILD, 2004), nas práticas de maternagem (PENG, WONG, 2016), nas relações de classe (LUTZ, 1997; 2018) e nas economias locais e regionais (GUEVARRA, 2014).

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: ana.augusti@estudante.ufscar.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2273-8401>

** Pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq/UFSCar.

Essas análises, muitas vezes centradas em macroestruturas da divisão sexual do trabalho no contexto da globalização, têm contribuído para desvendar a composição generificada dos fluxos de trabalho transnacionais. No entanto, ainda são relativamente escassos os estudos que voltam o olhar para a experiência cotidiana do trabalho reprodutivo não remunerado entre mulheres migrantes trabalhadoras no Sul global. É justamente essa lacuna que buscamos explorar, centrando nossa atenção nas formas como essas mulheres vivenciam e dão sentido à sua carga de trabalho de cuidado enquanto reconstróem suas vidas no local de instalação.

O trabalho de cuidado pode ser compreendido como uma atividade material, técnica e emocional, remunerada ou não, voltada à satisfação das necessidades de outra pessoa. Trata-se de um trabalho que envolve um senso de responsabilidade pelo bem-estar e pela vida do outro (HIRATA, 2022; HIRATA, DEBERT, 2016). Entre as diversas formas de cuidado tradicionalmente atribuídas às mulheres na sociedade, os cuidados maternos — compreendidos como relações materiais e afetivas entre uma mãe (biológica ou não) e uma criança — destacam-se por sua complexidade, intensidade e elevada carga moral.

A maternagem constitui uma modalidade específica de trabalho de cuidado, fortemente atravessada por dimensões emocionais, que contribui para a ampliação da jornada de trabalho das mulheres (BHATTACHARYA, 2023). Isso porque, além das atividades desempenhadas no trabalho remunerado, as mulheres que são mães assumem, quase sempre de forma compulsória, um “segundo turno” de trabalho não remunerado (HOCHSCHILD, MACHUNG, 2012). Esse fardo recai de maneira desproporcional sobre elas, uma vez que a responsabilidade pelo cuidado das crianças, especialmente as pequenas, continua sendo socialmente atribuída às mulheres, reforçando desigualdades de gênero no campo do trabalho e da vida doméstica.

A tensão entre o trabalho remunerado e a maternagem tem sido amplamente documentada por pesquisas empíricas. Os estudos indicam que ter um ou mais filhos impacta negativamente a trajetória profissional das mulheres, afetando sua renda, suas oportunidades de ascensão e sua integração no mercado de trabalho (KRENN, 2009). O acúmulo de responsabilidades profissionais e maternas, especialmente quando recai de forma exclusiva sobre as mulheres, compromete sua empregabilidade e estabilidade laboral. Em contextos nos quais há retração na oferta de creches e escolas infantis públicas e acessíveis, essa desigualdade se intensifica: as mulheres enfrentam maiores barreiras para inserção e permanência no mercado de trabalho em comparação aos homens (SCHOCHET, 2019). Por outro lado, evidências mostram que mulheres mães que contam com

instituições de cuidados tendem a ter maior autonomia no mercado de trabalho, o que se reflete positivamente em sua empregabilidade e rendimento (SIMINTZI, XU, XU, 2024).

No Brasil, de acordo com o IBGE (2020), semanalmente as mulheres se dedicam aos serviços domésticos e ao cuidado, em média, 10,4 horas a mais que os homens. Além disso, quando as mulheres são mães de filhos dependentes, elas dedicam, em média, o triplo de horas aos trabalhos reprodutivos (SORJ, 2014). A tensão entre a esfera reprodutiva e a esfera produtiva se intensifica ainda mais quando as mulheres se encontram em situação de deslocamento internacional. Como apontam Guizardi et al. (2018, p. 54), a migração acentua desigualdades de gênero, estabelecendo uma complexa “justaposição dos diversos fatores de subalternização”.

Na escala do cotidiano, adaptação e inserção em redes sociais diversas em novo local de instalação demandam muito tempo e energia – recursos muitas vezes indisponíveis para mulheres sobrecarregadas com trabalho reprodutivo. Informações sobre localização de lugares importantes, melhor escola para matricular os filhos, locais de lazer para passar o fim de semana entre outras, são facilmente trocadas entre uma rede de colegas do trabalho ou da igreja, mas podem levar muito mais tempo para alcançar uma família recém-chegada sem vínculos estáveis e ainda enfrentando barreiras linguísticas.

Neste artigo, buscamos compreender de que forma duas condições sociais — a migração e a maternagem — interferem na produção e na manutenção de vínculos sociais capazes de potencializar a empregabilidade e a geração de renda própria entre mulheres migrantes. Em outras palavras, investigamos como o trabalho de cuidado com filhos pequenos impacta a capacidade dessas mulheres de se inserirem socialmente nos contextos em que se instalam.

Apoiando-nos nos estudos clássicos de Granovetter (1973, 1995, 2005), partimos da hipótese de que a sobrecarga do trabalho reprodutivo, que recai desproporcionalmente sobre as mulheres, dificulta a formação de redes sociais em quantidade e qualidade suficientes para serem mobilizadas como capital social, especialmente quando se trata de mães de crianças em idade pré-escolar.

Para responder à questão de pesquisa, adaptamos um modelo de sociogramas (SU, 2022), uma técnica de pesquisa participativa, na qual as participantes são convidadas a representar visualmente sua rede de vínculos sociais. Ao todo, foram produzidos 15 sociogramas com mulheres migrantes residentes em uma cidade de médio porte no interior do estado de São Paulo. Em uma segunda etapa, realizamos 6 entrevistas com as mesmas participantes, com o objetivo de aprofundar qualitativamente o mapeamento das redes sociais delineadas nos sociogramas.

O artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira, apresentamos a revisão da literatura sobre a teoria do capital social entendida como o conjunto de vínculos sociais mobilizáveis. Na segunda parte, detalhamos como operacionalizamos essa teoria na construção dos sociogramas. Em seguida, descrevemos a forma como adaptamos a técnica de pesquisa aos objetivos do estudo, buscando compreender se mulheres migrantes com filhos pequenos apresentam menos vínculos sociais capazes de promover a geração de renda. Na terceira e quarta partes, apresentamos os dados empíricos produzidos por meio dos sociogramas participativos e das entrevistas semiestruturadas, com ênfase nas interseções entre gênero, trabalho e capital social.

Este estudo contribui para a literatura migratória ao evidenciar como a sobrecarga do trabalho reprodutivo, especialmente entre mães migrantes, limita a formação de vínculos sociais fundamentais para a inserção laboral. Ao integrar a teoria feminista da reprodução social com o conceito de capital social, a pesquisa oferece uma análise interseccional do processo de incorporação migrante. Além disso, ao focar em uma cidade média do interior paulista, amplia o escopo dos estudos de migração para além dos grandes centros urbanos, destacando o papel de redes institucionais e políticas públicas locais na construção de trajetórias migrantes.

2 VÍNCULOS SOCIAIS E PRODUÇÃO DE RENDA EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS

A sociologia da migração há muito se dedica a compreender de que forma os processos migratórios afetam os vínculos sociais dos indivíduos e, consequentemente, as dinâmicas dos grupos sociais (THOMAS, ZNANIECKI, 1974; PORTES, ZHOU, 1993; TRUZZI, 2012). Com base em Glick Schiller et al. (2006), entendemos a incorporação migrante como um processo de construção e manutenção de redes de relações sociais, locais ou transnacionais, que possibilitam aos indivíduos atender as suas necessidades e desejos, sejam eles de ordem material, emocional ou psicológica.

Segundo essa perspectiva, a incorporação social de migrantes no local de instalação não depende, necessariamente, de sua adesão a atributos culturais locais, como idioma, normas e valores, conforme propõem os modelos de assimilação ou integração cultural. Em vez disso, ela diz respeito principalmente à inserção concreta na vida social do território de residência. Na prática cotidiana, isso se manifesta por meio da participação no mercado de trabalho, na vida de bairro, em redes de amizade, no acesso a serviços públicos e na inserção linguística funcional.

Pensada nesses termos, a incorporação social de migrantes está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade de seu capital social, entendido como o conjunto de vínculos sociais mobilizáveis pelo agente para melhorar sua posição no campo social (BOURDIEU, 1986; LIMA, 2001; SU, 2022). Esse capital é forjado nas relações cotidianas e seu volume depende tanto da amplitude da rede quanto do acúmulo de outros capitais — econômico, cultural e simbólico. No entanto, sua manutenção exige um esforço constante de sociabilidade e uma série contínua de trocas. Preservá-lo implica investir estrategicamente nas relações, reafirmando repetidamente os laços de reconhecimento entre os atores envolvidos. Os benefícios do capital social podem se manifestar de forma direta ou indireta — como na continuidade de negócios, na indicação para oportunidades de emprego ou na resolução de demandas individuais.

O reconhecimento de redes sociais como fundamento do capital social é consensual na tradição sociológica bourdieusiana (COLEMAN, 1988, 1990). As redes sociais são flexíveis, dinâmicas e possuem um caráter horizontal, isso quer dizer que não há uma hierarquia muito rígida entre os atores que a compõem. Em geral, os laços que formam as redes são gerados a partir de interesses, temas e valores em comum (MARTINO, 2015). As redes são fundamentais pois elas não só garantem informações, mas também “apoio do cotidiano, seja nos processos de migração, seja na busca por trabalho, na estabilização financeira, em situações de desemprego ou desocupação etc.” (LIMA & CONSERVA, 2006, p. 94).

No acesso ao mercado de trabalho, as redes sociais são fundamentais. À medida que indivíduos constroem vínculos e expandem suas redes sociais, passam a ter maior acesso a informações sobre oportunidades profissionais e contam com o apoio de conhecidos (LALIVE, OESCH, PELLIZZARI, 2023). Os trabalhos clássicos de Granovetter (1973, 1995, 2005) apontam que nem todos os vínculos sociais são igualmente úteis para acessar as fontes de renda. Os vínculos “fracos”, ou seja, situados fora do convívio pessoal e familiar do indivíduo, argumenta o autor, contribuem mais para encontrar emprego, já que conectam o indivíduo aos contextos sociais aos quais ele não teria acesso de outra forma. Para o autor, não apenas a quantidade de vínculos é importante para aumentar o leque de acesso à informação e oportunidades de emprego, mas também sua extensão no campo social e sua “força”. De acordo com Granovetter a força de um laço é calculada pela “quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confidências mútuas) e os serviços recíprocos que caracterizam o laço” (GRANOVETTER, 1983, p. 1361 tradução nossa²).

Ademais, Su (2019), aborda três tipos de capital social que se relacionam com a definição de Granovetter: união, ponte e conexão. Para a autora, o capital social de união se refere aos laços mais próximos que compartilham características demográficas similares (membros da família, vizinhos, amigos íntimos). Já o capital social de ponte diz respeito aos vínculos entre pessoas de diferentes contextos étnicos, geográficos e/ou ocupacionais, mas que costumam compartilhar o mesmo status econômico e posição social. Por fim, o capital social de conexão representa os laços entre a comunidade e pessoas com posições de influência em organizações formais como escolas, igrejas, serviços públicos, universidades etc. Essa distinção é importante, já que Granovetter (1983) mostra como os laços fracos - nesse caso, o capital social de ponte e de conexão- são fundamentais na difusão de informação e, portanto, na obtenção de emprego, já que as notícias podem circular de fora do grupo.

Partimos do pressuposto que a obtenção e diversificação de vínculos sociais no contexto migratório pode ser uma tarefa difícil, sobretudo para os indivíduos recém-chegados. Sabemos que nesses contextos a infraestrutura de recepção é fundamental para criar os primeiros vínculos sociais com indivíduos e instituições locais (MOULIN AGUIAR, MAGALHÃES, 2020; NETTELBLADT. BOANO, 2019). Mas no caso das mulheres migrantes responsáveis pelos cuidados com crianças pequenas, a incorporação pode ser ainda mais difícil. Os trabalhos de cuidado limitam a circulação das mulheres pelos contextos públicos mais diversificados, confinando-as na esfera doméstica (DORNELAS, 2022). Além disso, o tempo e esforço dedicados ao trabalho de maternagem muitas vezes não deixam as mulheres investirem na formação de suas redes sociais.

3 MÉTODO: SOCIOGRAMAS PARTICIPATIVOS COMO TÉCNICA PARA MAPEAR AS REDES SOCIAIS

Para produzir dados empíricos sobre nossa questão de pesquisa, utilizamos duas técnicas: inicialmente, aplicamos sociogramas e, em seguida, realizamos entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de complementar as informações obtidas na primeira etapa.

A técnica dos sociogramas foi empregada para mapear as redes sociais das pessoas migrantes participantes da pesquisa. Adaptamos o método empregado por Su (2019) na investigação das estratégias de recuperação adotadas pelas comunidades filipinas após o furacão que atingiu o país em 2013. O sociograma é uma técnica participativa que permite representar de forma visual os vínculos sociais que o indivíduo possui. É uma forma

lúdica e acessível que permite ao pesquisador e aos participantes construir os dados de maneira colaborativa. Quando combinada com entrevistas semiestruturadas, essa técnica favorece maior engajamento dos envolvidos e um aprofundamento dos relatos obtidos.

A confecção do sociograma começa com a identificação dos indivíduos que fazem parte do círculo social do participante. Usamos a **técnica de geração de nomes** para identificar os contatos mais significativos na rede social dos participantes (SU, 2019; HOGAN et al, 2007). Post-its de três cores foram oferecidos para os participantes, cada um representando um tipo de vínculos sociais. A cor rosa representava os vínculos mais próximos (“capital de união”), a cor amarela, os vínculos mais ou menos fortes (“capital de ponte”) e a cor verde referia-se aos vínculos institucionais (“capital de conexão”). Em seguida, os participantes foram solicitados a escrever nesses Post-its os nomes das pessoas (chamados de “alter”) em função de seus vínculos com o participante (chamado de “ego”). Além dos nomes, foi solicitado que os participantes identificassem os nomes dos Post-its com códigos baseados na legenda (Figura 1). Os códigos alfabéticos e de símbolos da legenda ajudavam a qualificar os *alters* em função da qualidade de seu vínculo ao *ego* (por exemplo, família próxima, amigo, conhecido da igreja, pessoa que não vive no Brasil etc.). No final dessa primeira etapa, obtivemos uma lista de pessoas que fazem parte da rede social significativa do participante, seja ela localizada no Brasil ou fora.

A segunda etapa consiste em localização no sociograma dos Post-its representando os *alters*. O sociograma consiste em um mapa em formato de círculo dividido em quatro segmentos que representam a intensidade da ajuda que um alter proveu no Brasil. A intensidade é representada por quatro círculos concêntricos numerados de 1 a 4 onde 1 é a ajuda mais intensa e 4 a menos intensa (Figura 1). A ajuda é entendida como ação de qualquer natureza, emocional, financeira, laboral etc., com o objetivo de aliviar, beneficiar ou apoiar a necessidade do outro. O círculo também foi dividido em quatro fatias que representam a linha do tempo do participante depois de sua chegada ao Brasil. Ou seja, começando na parte superior do círculo e seguindo no sentido horário, as fatias do círculo são fases da vida do migrante no Brasil desde a sua chegada e até o momento atual.

Nesta etapa, as participantes são orientadas a colar os Post-its com seus *alters* no sociograma, respeitando a ordem cronológica (representada pela posição do Post-its nas fatias do círculo) e a intensidade da ajuda (representada pela posição do Post-its no subcírculo concêntrico). Como resultado, obtivemos uma representação visual dos seguintes elementos da rede social dos participantes: quantidade e qualidade dos vínculos (Post-its

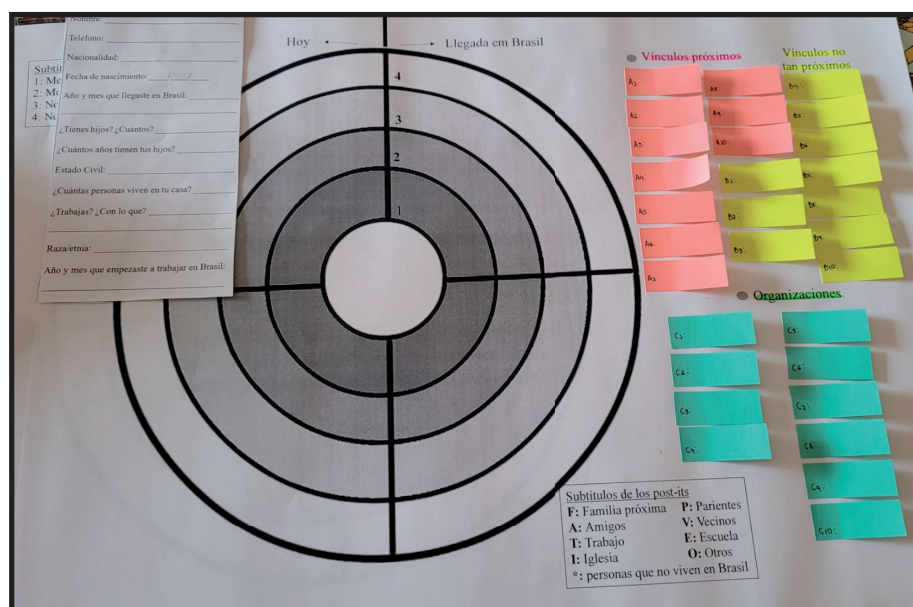
nas três cores mais os códigos), posição cronológica da ajuda oferecida por *alters* na linha do tempo migratória do *ego* e a intensidade da ajuda oferecida pelos *alters* (Figura 1). Obtivemos no final 15 sociogramas completos.

Em seguida, buscamos conduzir entrevistas semiestruturadas com as participantes da pesquisa com objetivo de aprofundar as informações produzidas no âmbito do sociograma (MINAYO, 2021). No total, foram realizadas 6 entrevistas com duração média de 30 minutos. Delas, 5 foram conduzidas em espanhol e 1 em português, atendendo a demanda dos participantes.

As entrevistas tiveram como objetivo aprofundar as informações levantadas nos sociogramas. Organizadas em três blocos principais — rede social da participante, atividades de cuidado e maternagem, e trabalho remunerado —, procuramos criar um espaço em que as interlocutoras pudessem narrar suas trajetórias migratórias e expressar livremente suas experiências.

O desenho metodológico usado na pesquisa não teve por objetivo obter dados representativos estatisticamente, mas sobretudo coproduzir reflexões dos participantes sobre sua rede social no local de instalação no Brasil e sua experiência de geração de renda em função de suas atribuições de trabalho de cuidado.

Figura 1: Modelo de sociograma



Fonte: Elaboração própria

4 RESULTADOS: A IMPORTÂNCIA DAS REDES NA INSERÇÃO LABORAL

Após a finalização dos sociogramas, dividimos as participantes em dois grupos analíticos: i) mulheres migrantes mães de crianças pequenas (em idade pré-escolar) e ii) mulheres migrantes que não são mães ou cujos filhos são emancipados. Essa divisão foi orientada pela nossa questão de pesquisa, que busca compreender como o trabalho de cuidado com filhos pequenos influencia a construção de redes sociais que contribuem para a geração de renda. Para fins analíticos, agrupamos as mulheres cujos filhos já não demandam cuidados intensivos com aquelas que não têm filhos, considerando que, em ambos os casos, a dimensão do cuidado cotidiano não está mais presente de forma central.

Em seguida, organizamos as respondentes em mais dois grupos analíticos, agora com base na variável “emprego”: aquelas que possuem fonte de renda própria e aquelas que não possuem. A partir da combinação dessas duas dimensões — maternidade e renda —, chegamos a quatro categorias analíticas:

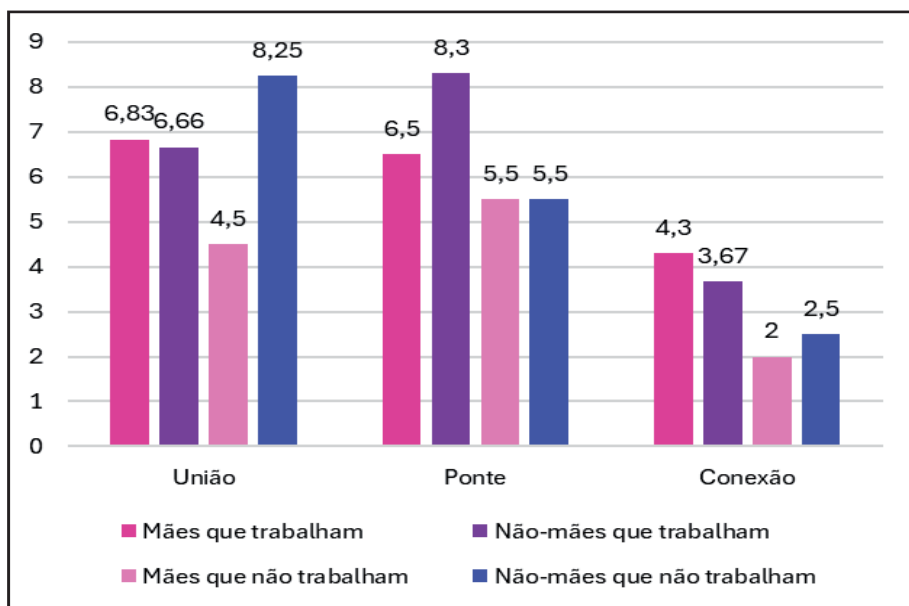
- mães com renda própria;
- mães sem renda própria;
- não mães com renda própria;
- não mães sem renda própria.

Entre as participantes, identificamos os seguintes números em cada grupo: 6 mães com renda própria, 3 não mães com renda própria, 2 mães sem renda própria e 4 não mães sem renda própria.

A empregabilidade no Brasil está fortemente associada à quantidade de capital social acumulado pelos indivíduos, sendo que o aumento desse capital pode elevar em até 66,14% as chances de inserção formal no mercado de trabalho. Essa relação evidencia o papel estratégico das redes sociais na dinâmica do emprego (HELAL, 2007).

Além disso, vínculos considerados como “de ponte”, aqueles que conectam indivíduos a redes sociais distintas, exercem um papel fundamental na mediação do acesso a oportunidades profissionais (GRANOVETTER, 1973; HELAL, 2007; LIMA, CONSERVA, 2006). Com base nesse referencial, buscamos identificar, em cada uma das categorias analisadas, quais tipos de vínculos sociais se destacavam como mais relevantes para a obtenção de renda entre as mulheres entrevistadas (Figura 2).

Figura 2: Média de vínculos de união, ponte e conexão por cada mulher



Fonte: elaboração própria a partir dos sociogramas

A Figura 2 apresenta a média de três tipos de vínculos sociais (união, ponte e conexão) por mulher, divididas em quatro grupos analíticos. Em relação aos **vínculos de ponte**, aqueles que conectam pessoas a redes sociais diferentes das suas, observa-se que as **não mães com renda própria** apresentam a maior média (8,3 vínculos), seguidas pelas **mães com renda própria** (6,5). Já os dois grupos sem renda própria apresentam médias iguais de 5,5 vínculos. Esses dados reforçam a hipótese de que os laços fracos (GRANOVETTER, 1973), característicos dos vínculos de ponte, são importantes para o acesso ao emprego, especialmente entre mulheres sem filhos.

Nos **vínculos de união**, mais fortes, geralmente relacionados a relações familiares ou íntimas, as **não mães sem renda própria** aparecem com a maior média (8,25 vínculos), seguidas por **mães com renda própria** (6,83), **não mães com renda própria** (6,66), e **mães sem renda própria** (4,5). Esse padrão parece estar ligado à faixa etária das não mães sem renda própria, que varia entre 54 e 75 anos. Todas têm filhos adultos (entre 22 e 47 anos) e, em alguns casos, são sustentadas por eles, como relatado por uma participante que vive com o filho e a nora, os quais arcam com os custos da casa.

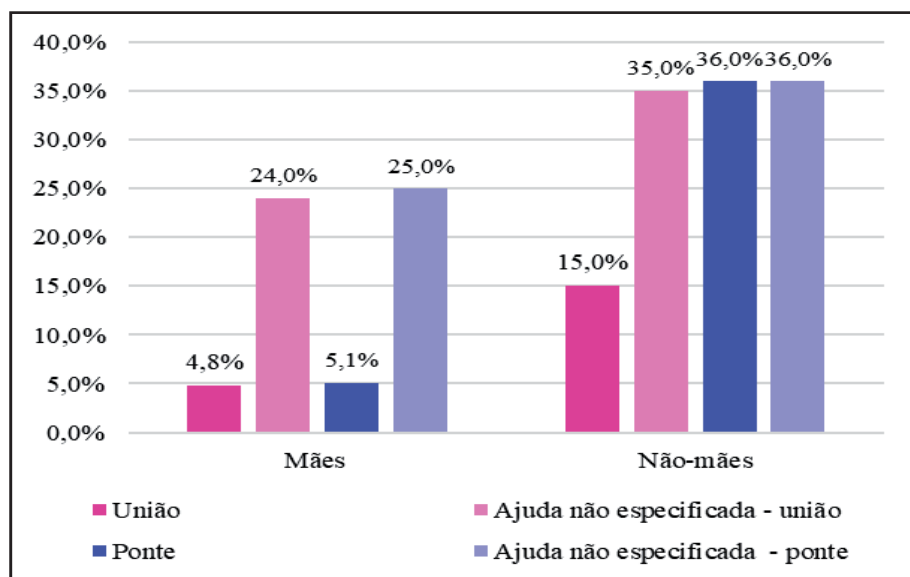
Quanto aos **vínculos de conexão** — relacionados a instituições, organizações e serviços —, as **mães com renda própria** são as que mais utilizam esse tipo de rede (média de 4,3), enquanto as **mães sem renda própria** têm

a menor média (2,25). O **CRAS (Centro de Referência da Assistência Social)** foi uma das instituições mais citadas por mães com renda própria: 4 das 6 entrevistadas mencionaram o órgão, atribuindo-lhe um nível 2 de ajuda (ajuda significativa). As **igrejas** foram ainda mais citadas (5 de 6), com níveis de ajuda entre 1 e 2 (ajuda muito significativa). Prefeitura, postos de saúde (UBS) e outros serviços sociais também foram mencionados positivamente.

Entre as **mães sem renda própria**, embora o número de participantes seja pequeno (2 mulheres), tanto o CRAS quanto a prefeitura foram citados, ambos com avaliação de ajuda em nível 1 (muita ajuda). É importante destacar que o curso de português frequentado por essas mulheres era oferecido pela prefeitura, o que pode ter influenciado suas respostas.

Já entre as **não mães com renda própria**, destacam-se os vínculos com **universidades**, sobretudo no papel da universidade de oferecer curso de língua portuguesa. A **prefeitura** foi citada por duas mulheres deste grupo, mas ambas avaliaram que não receberam ajuda significativa (nível 4 – nenhuma ajuda).

Figura 3: Proporção de vínculos que ajudaram na obtenção de renda própria



Fonte: elaboração própria a partir dos sociogramas

A Figura 3 destaca a proporção de vínculos sociais que efetivamente contribuíram para a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Como era de se esperar, apenas mulheres que atualmente trabalham relataram ter recebido esse tipo de ajuda.

Entre as **mães com renda própria**, metade (3 de 6 participantes) afirmou ter recebido apoio para conseguir emprego. Quando observamos os tipos de vínculo, apenas **4,8% dos laços de união** e **5,1% dos laços de ponte** dessas mulheres desempenharam esse papel. Embora os percentuais sejam baixos, é importante notar que todos esses vínculos residem no Brasil e foram classificados como altamente significativos (nível 1 de ajuda). Além disso, uma parcela considerável dos vínculos dessa categoria não foi especificada quanto à função de apoio: **24% dos laços de união** e **25% dos de ponte** não tiveram essa informação declarada.

Já entre as **não mães com renda própria**, 2 das 3 participantes (66%) relataram ter recebido ajuda para conseguir trabalho. Nesse grupo, os **laços de união** foram responsáveis por **15% da ajuda**. A intensidade da ajuda variou entre os níveis 1 (muita ajuda) e 2 (ajuda significativa). Os **vínculos de ponte** se destacaram novamente, correspondendo a **36% da rede**, com a maioria residente no Brasil. No entanto, a ajuda recebida apresentou maior variação, indo de nível 1 até 4 (nenhuma ajuda). Assim como no grupo anterior, houve uma alta taxa de vínculos não especificados quanto à função de apoio: **35% nos laços de união** e **36% nos de ponte**.

Os dados reforçam o papel estratégico dos **vínculos de ponte** na obtenção de emprego, especialmente para mulheres que não são mães. Além disso, evidenciam uma diferença marcante entre os dois grupos analisados: enquanto os vínculos das mães com renda própria são menos numerosos e mais localizados, os das não mães com renda própria mostram-se mais amplos e variados, inclusive com alcance internacional. Esse contraste pode indicar maior mobilidade e diversidade de redes entre mulheres sem filhos, o que pode favorecer sua inserção profissional.

5 SOBREPOSIÇÃO DO TRABALHO MATERNO E TRABALHO REMUNERADO: RELATOS DO CAMPO

Ser migrante implica enfrentar uma série de desafios que vão desde a adaptação cultural até questões legais e de integração social. O processo de migração vai além da simples mudança física de lugar; envolve também a inserção em um novo sistema social e econômico, com um diferente idioma e diferente cultura. Esse movimento desperta a percepção de ser um *outro*, de não se sentir completamente pertencente ao novo lugar. Anderson (2019) mostra como esses sujeitos percebem a importância do idioma e dos hábitos mais do que quando estão “em casa”. Além disso, a autora discute como as subjetividades nacionalizadas importam quando nos imaginamos como indivíduos, quem pertence a qual lugar e como isso impacta as formas de socialização e as formas de se fazer política em um país.

As entrevistadas relataram experiências de tratamento diferenciado, mesmo apresentando trajetórias sociais bastante distintas entre si. O depoimento de Úrsula, mãe de gêmeas, é ilustrativo nesse sentido. Ela descreve as dificuldades enfrentadas para conseguir vagas em creche para as filhas, ressaltando que o atendimento em período integral era essencial para que pudesse trabalhar, uma vez que não contava com rede de apoio — seu marido, por exemplo, estava fora de casa durante o dia devido ao trabalho. Segundo Úrsula, embora tenha sido informada pela administração da creche de que não havia disponibilidade para o período integral, posteriormente soube que conhecidas suas haviam conseguido vagas naquele mesmo turno. Tal situação a levou a suspeitar que o tratamento desigual pudesse estar relacionado ao fato de ela não ser brasileira.

Sofia compartilhou as dificuldades enfrentadas na busca por emprego no Brasil, classificando o processo como desafiador. Além dos obstáculos comuns, destacou a exclusão de determinadas oportunidades por sua condição migratória:

*Ser migrante torna as coisas mais difíceis para você?”
– Sim, claro que sim. Na verdade, a prefeitura abriu um concurso esses dias para alguns cargos e, obviamente, se eu não sou natural do Brasil, não posso me candidatar, entende? Teria sido uma oportunidade, mas tá. Não posso participar, já rodei pra cá, já rodei pra lá. (Sofia, entrevista, 22 de fevereiro de 2024. Tradução própria.³)*

Já Rebeca enfrentou adversidades desde o início de sua trajetória migratória. Para atravessar a fronteira entre a Venezuela e Roraima, precisou esconder seu filho do meio, então um bebê, devido a entraves burocráticos que exigiam a presença do pai, indisponível naquele momento. Em seu relato, ela descreve o medo e a insegurança vividos durante a travessia. Seu filho mais velho, com apenas seis anos, teve que permanecer na Venezuela temporariamente. Após a regularização da situação migratória, a criança pôde ser trazida ao Brasil, mas, diante das limitações de espaço na casa de familiares, a família não pôde permanecer no mesmo local. Por isso, Rebeca, seu marido e o bebê passaram cerca de 15 dias dormindo em uma barraca na rodoviária.

É fundamental reconhecer que, como qualquer trabalho, o cuidado exige não apenas esforço físico, mas também um investimento emocional significativo. O chamado trabalho emocional envolve “a compreensão, a avaliação e a gestão das próprias emoções, assim como das emoções do outro, para que [...] possa ser realizado. [...] São tarefas invisíveis.” (SOARES, 2012, p. 49).

No âmbito familiar, isso se traduz em acolher os sentimentos dos demais membros da casa, lidar com suas frustrações e buscar soluções para demandas cotidianas. Também inclui a organização invisível do dia a dia: o planejamento de refeições, a logística de transporte, a gestão do tempo livre e das férias, entre tantas outras atividades que estruturam e sustentam a vida familiar.

É mais eu, que ele fica trabalhando. É tudo eu. Se eu precisar, ter que ir no médico, aí eu deixo tudo arrumado e ele arruma as crianças, dá café da manhã e leva. Mas tenho que deixar tudo preparado, se não o celular estoura. “Onde tá isso? Onde tá o outro? Onde, onde, onde?” Eu falo assim: “você é novo aqui, não mora aqui”. (Rebeca, entrevista, 20 de fevereiro de 2024)

E as meninas? - Sou mais eu [hahaha]. Mas ele [marido] ajuda sim, no sentido de que se ele faz mamadeira eu dou pra elas, ele troca, eu fico com uma, ele fica com a outra. [...] Porque se você falar para ele “veste ela”, você tem que buscar a roupa. (Úrsula, entrevista, 03 de março de 2024. Tradução própria.⁴)

É notório que toda essa responsabilidade sobrecarrega as mulheres emocionalmente e fisicamente. Após ser demitida do hotel em que trabalhava, Rebeca começou a vender frango assado com o marido. Segundo ela, o casal realizava essa atividade aos domingos. Além de ser encarregada pela preparação dos frangos, Rebeca também tem 3 filhos (11, 6 e 3) e retrata como é a rotina da família nos fins de semana:

[Vender frango] pra mim é um pouco mais desgastante, né? Porque enquanto eu faço os frangos, tô pensando o que vou fazer de janta pros meninos, aí tem que manter a casa limpa. Aí vai tomar banho, vai tomar banho, vai tomar banho [referente aos três filhos]. Aquela briga, depois que não quer tomar banho quer todo mundo entrar no banheiro, aí aquela briga quem vai entrar primeiro. Aí depois vai arrumar as coisas, não deixa o quarto bagunçado, aí tem que eu olhar se deixou o quarto bagunçado, se deixou o outro quarto bagunçado. [...] Se eu não arrumar no mesmo dia, no sábado, que eu arrumo, corto tudo os frangos, se eu deixar... Você vai ver eu correndo na rua correndo pelada de louca [risadas]... Porque fica uma bagunça. Aí eu termino, aí vou direto, não paro pra nada, as vezes nem pra jantar.

Aí dou janta pra eles, e continuo limpando, arrumando tudo de novo, porque como não tem aí é só aquele cheiro de frango. Aí eu lavo tudo de novo e aí domingo de novo. Limpar tudo de novo, que aí tem que espetar os frangos, aí fica aqui uma bagunça, aí depois tudo que a gente usa lá fica tudo sujo, aí lavar a máquina, é trabalho mesmo. (Rebeca, entrevista, 20 de fevereiro de 2024.)

As atividades são claramente intensas e se acumulam com o cuidado que uma mãe exerce em relação aos filhos e a casa, deixando o trabalho ainda mais pesado. Quando perguntadas sobre se se sentia sobrecarregada, a resposta foi bem clara:

Às vezes me sinto. Às vezes dá vontade de vender todo mundo hahaha. Às vezes me sinto sobrecarregada mesmo. E assim, pra desabafar, eu fico sozinha, começo a chorar, mas é por conta, sabe? A cabeça fica cheia de coisas, mas do resto é tranquilo. A gente como mãe às vezes tem que entender que não é fácil não, porque eu decidi fazer da minha vida, não foi ninguém que me obrigou. Então assim, eu compreendo. (Rebeca, entrevista, 20 de fevereiro de 2024.)

Como bem aponta Hirata (2022), o trabalho de cuidado possui várias dimensões. Além das questões materiais como cozinhar, limpar, lavar e afins, as mulheres também se tornam responsáveis por acolher e cuidar dos sentimentos dos familiares. Sofia relata como funciona essa dinâmica em sua família:

- Quando as meninas se sentem tristes, com quem é que falam? - Hahaha. Comigo! Comigo porque eles já sabem que é através de mim, por isso, comigo. Porque nós temos uma coisa, eles falam comigo e eu falo com o meu marido [...] e depois volto a falar com elas, a não ser que seja uma coisa muito extrema, então a gente senta todo mundo. Percebe o que quero dizer? Se for com a minha filha mais velha, então bem, “vamos conversar com o papai.”, porque isso é algo um pouco mais forte... (Sofia, entrevista, 22 de fevereiro de 2024. Tradução própria.)

A relação entre o trabalho de cuidado com as crianças e o trabalho remunerado torna-se ainda mais complexa quando atravessada pela condição migratória. Na Venezuela, país de origem de Sofia e Úrsula, ambas tinham trajetórias profissionais consolidadas. Sofia é técnica superior

em administração e acumulava mais de 20 anos de experiência em uma prefeitura local. Já Úrsula, formada em tecnologia de alimentos e especialista em avaliação sensorial, atuou na sua área tanto na Venezuela quanto no Peru.

No Brasil, entretanto, ambas estavam empregadas como ajudantes de cozinha — uma ocupação que representa uma significativa subutilização de suas qualificações. Sofia relata que conseguiu o emprego por meio de um grupo no Facebook, mas durante a entrevista enfrentou um obstáculo inesperado: seu currículo era considerado “bom demais” para o cargo:

Eu costumava dizer à gerente da época: “Não me interessa o lugar de ajudante de cozinha porque o que eu preciso é trabalhar” [...] E ela dizia: “Como é que eu posso pôr uma pessoa com as qualificações que você tem como ajudante de cozinha?” (Sofia, entrevista, 22 de fevereiro de 2024. Tradução própria⁵)

Como Remédios não conseguiu bolsa de pós-doutorado, precisava trabalhar para se manter no país. Para isso, buscou emprego em diversas áreas a fim de ter renda própria. A interlocutora relata o mesmo problema sofrido por Sofia: “Em algumas empresas do setor de meio ambiente, diziam que o meu currículo era extenso demais porque eu tinha um doutorado. Foi então que comecei a colocar menos coisas no meu currículo.” (entrevista, 19 de fevereiro de 2024. Tradução própria⁶). Mesmo sendo formada em química, hoje a cubana trabalha como agente comunitária de saúde, pois, nas palavras dela, queria “fazer algo que dependesse de seu próprio esforço e não de outras pessoas.”

Por outro lado, os horários de entrada e saída do trabalho não combinam com a rotina de mães que as interlocutoras levam. Sofia precisava trabalhar no turno da noite, das 14h às 23h mais especificamente, algumas vezes chegava em casa à meia-noite ou até 1 hora da manhã. Como o marido trabalha viajando e a filha mais velha estudava na faculdade nesse período, não havia ninguém que ficasse com a filha mais nova, de 13 anos, portanto, ela se demitiu do trabalho para se dedicar a família mesmo gostando do trabalho e querendo manter a liberdade de ter seu próprio dinheiro. Úrsula também relata dificuldade com o horário de trabalho. Apesar de ter se organizado para trabalhar enquanto as crianças estão na creche, frequentemente precisa fazer horas extras. No dia anterior à entrevista, um sábado, precisou trabalhar até as 7 horas da noite. Amaranta, apesar de não trabalhar, conta que foi preciso recusar uma oferta de trabalho já que era exigido que ficasse das 14h às 22h trabalhando. Não aceitou, pois nesse horário precisava cuidar dos filhos.

A presença de filhos na idade pré-escolar pode diminuir significativamente a participação e a qualidade de inserção de mulheres no mercado de trabalho como demonstram as pesquisas feitas no Brasil (GUIGINSKI, WAJNMAN, 2019). Os autores mostram que “ter um filho em idade pré-escolar diminui as chances de a mulher estar no mercado de trabalho em 52,2% e ter dois ou mais filhos em idade pré-escolar reduz esta chance em 73,5%, em comparação com aquelas que não têm filhos” ao passo que “a presença de um filho em idade escolar reduz as chances em 24,8% e dois ou mais filhos representam 34,4% de decréscimo nas chances de participação, em relação àquelas sem filhos” (GUIGINSKI, WAJNMAN, 2019, p. 15).

Esses dados reforçam ainda mais a “justaposição de alteridades”, pois, por um lado, as mães precisam sempre considerar os horários dos filhos ao trabalharem e, por outro, às migrantes são relegados os empregos precarizados que nem sequer consideram a expertise obtida em suas trajetórias a ponto de terem que omitir experiências do currículo.

A “penalidade da maternidade” também se sobressai no caso de Rebeca. A interlocutora precisou se afastar do trabalho por alguns dias pois sua filha mais nova, de apenas 3 anos, ficou doente. Ao voltar da licença, foi demitida. Além dela, Úrsula, também sente o impacto da maternidade mesmo ao buscar emprego. Quando a perguntei se ela chegou a mandar currículo para as empresas de sua área a interlocutora relata:

Eu ainda não queria me candidatar, primeiro porque não domino a língua portuguesa. E em segundo lugar, eu quero organizar com as minhas filhas todo o horário na creche para eu ter tempo para chegar a uma entrevista, porque eu não queria mandar um currículo que me ligasse: “Ah, não posso ir à entrevista” e depois não me ligam de novo, então eu sei que não tem muitas empresas, por isso eu não posso perder a oportunidade de mandar um currículo se eu não tiver tempo nem sequer para ir à entrevista. (Úrsula, entrevista, 03 de março de 2024. Tradução própria⁷.)

Quanto à importância das redes sociais para obtenção de fonte de renda, as interlocutoras ressaltaram a importância de “indicações”. Remédios conta que se não fosse pela aprovação no concurso, teria trabalhado no setor administrativo de um hospital por indicação de uma amiga. Ao perguntar a Rebeca se ela recebeu indicação para trabalhar a resposta foi nítida:

Sim. Foi o único jeito que eu consegui arrumar emprego. Por indicação. Porque assim, eu vejo que aqui é assim, pra gente trabalhar no lugar que for, a gente tem que ter

alguém lá dentro. Se não tem, esquece, não vai conseguir não. (Rebeca, entrevista, 20 de fevereiro de 2024.)

Apesar disso, todas relataram ter mais amigos no país de origem do que no Brasil, com exceção de Remédios, não mãe que afirmou ser quase a mesma coisa. Um dos motivos, segundo metade das entrevistadas, é o fato da cidade em que residem ser muito fechada para estrangeiros. Ademais, mesmo o trabalho sendo uma boa oportunidade para formar vínculos, Úrsula conta que não consegue aprofundar muito suas relações lá. Segundo ela, uma das regras do serviço é não conversar nada além do que o necessário, ainda que o trabalho seja manual. Outra questão trazida por elas é o idioma. Úrsula retrata um pouco o cotidiano a partir deste aspecto:

Também por causa da língua. As pessoas são muito simpáticas, todo mundo nos cumprimenta e tudo, mas não temos facilidade em falar, por isso é difícil para as pessoas fazerem mais perguntas, às vezes não nos compreendem, acho que as pessoas não querem que a gente se sinta mal por não nos compreenderem, por isso preferem não falar muito, para não nos envergonharem, imagino que se sintam um pouco envergonhadas, é como se não soubessem como falar e não nos compreendessem. (Úrsula, entrevista, 03 de março de 2024. Tradução própria⁸.)

Por fim, é evidente que a quantidade de vínculos também está associada à história dos sujeitos em questão, isto é, os amigos de infância, os colegas de familiares, parentes distantes, vizinhos de longa data, enfim, ao tempo que se passa em um lugar. Sendo assim, é evidente que algumas participantes, principalmente pelo pouco tempo que estão no Brasil, teriam menos amigos em comparação com o país de origem.

Nesse sentido, percebe-se a importância que os vínculos mais próximos, ou seja, os vínculos de união, exercem sobre o indivíduo. Úrsula conta que uma das poucas amigas que fez no Brasil é peruana e a ajudou em todos os sentidos referente a nova cidade. Segundo a interlocutora, essa amiga a orientou em relação a farmácia, hospital, loja de roupas de bebês etc. Além dela, Remédios também contou com a ajuda de um amigo quando não tinha mais para onde ir, portanto, ficou em sua casa participando apenas da divisão de contas variáveis como energia e água.

Em contrapartida, Amaranta não teve uma história tão bonita. Em seu relato, conta que seu marido apresentava problemas relacionados ao consumo excessivo de álcool, comportamento que lhe causava desconforto

e que a levou a solicitar a separação. Diante da decisão de separação, o marido afirmou que ela deveria ter os próprios recursos financeiros, pois ele não prestaria mais qualquer tipo de apoio, já que ela não trabalhava. Amaranta, que estava desempregada há algum tempo e em busca de uma ocupação, passou a enfrentar sérias dificuldades financeiras. Dependente economicamente do marido, ela se viu em uma situação vulnerável, na qual ele não fornecia nenhum suporte, e acabou sendo expulsa de casa. Desamparada, procurou abrigo em um centro de apoio para mulheres, onde relatou sua maior preocupação: conseguir um emprego para sustentar a si e aos filhos.

Durante o processo, a interlocutora buscou auxílio de amigos brasileiros que também eram amigos do marido. No entanto, eles se recusaram a se envolver na situação, o que agravou ainda mais sua sensação de isolamento. Além disso, sendo estrangeira e sem recursos financeiros, não tinha condições de retornar à Colômbia, seu país de origem. Eventualmente, ela conseguiu encontrar uma advogada disposta a ajudá-la a enfrentar essa situação jurídica e financeira, com a promessa de que o pagamento pelos serviços prestados seria feito posteriormente. Entretanto, no momento da entrevista, o casal havia reatado. A interlocutora não conseguiu terminar a história pois fomos interrompidas pelo filho que brincava no parque. Quando lhe perguntei se possuía ao menos alguém para conversar sobre essa situação, Amaranta disse que não.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidencia a profunda intersecção entre as dinâmicas de migração e gênero, especialmente no que tange ao trabalho reprodutivo e à dificuldade de incorporação laboral das mulheres migrantes. Os dados obtidos por meio dos sociogramas e das entrevistas demonstram que a sobrecarga das tarefas domésticas, que tradicionalmente recaem sobre as mulheres, não apenas limita suas oportunidades de estabelecer vínculos sociais necessários para o acesso ao mercado de trabalho, mas também perpetua as desigualdades estruturais que as mantêm em posições de subordinação.

Em suma, este estudo oferece uma contribuição significativa para o debate sobre a incorporação laboral feminina em contextos de migração, ao expor as barreiras estruturais e sociais que limitam as oportunidades de inserção no mercado de trabalho para mulheres migrantes, especialmente aquelas com responsabilidades reprodutivas. A partir dos dados produzidos pelo sociograma e o relato das mulheres, a pesquisa revela como as políticas públicas atuais e as normas sociais continuam perpetuando a desigualdade

de gênero e a marginalização das mulheres migrantes, ao não reconhecerem plenamente o impacto do trabalho reprodutivo na capacidade dessas mulheres de construir redes sociais e, conseqüentemente, de acessar oportunidades de emprego. Desde a distribuição dos afazeres domésticos à falta de vínculos que possam fornecer indicações e/ou apoio emocional, as mulheres são as mais afetadas por esse processo.

Os desafios identificados apontam para a necessidade urgente de políticas públicas que facilitem a conciliação entre trabalho e cuidado, bem como iniciativas que promovam a construção de redes de apoio para essas mulheres. Além disso, reforçar e garantir as instituições e programas já instaurados como o CRAS e o próprio curso de português, incentiva a diminuição da desigualdade de gênero, visando reduzir a penalidade da maternidade no contexto migratório, além de fornecer recursos como o domínio da língua para capacitar essas mulheres migrantes a conquistarem sua independência financeira tão almejada.

NOTAS

¹ No original: “The strength of a tie is a (probably linear) combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie”.

² No original: “- ¿Ser migrante te hace las cosas más difíciles? - Sí, claro. De hecho, la prefectura abrió un concurso en estos días para unos cargos y obviamente si no soy natural de Brasil no puedo concursar, ¿ve? Que hubiera sido una oportunidad, pero bueno. No puedo concursar, ya averigüé, ya di vuelta para aquí, vuelta por allá. Bueno.”

³ No original: “¿Con las niñas el cuidado es más vos o él? - Es más yo [jajaja]. Pero él sí ayuda, en el sentido de que si me ayuda yo les doy él hace tetero, las cambia, yo tengo una, él la tiene la otra. [...] porque si tú le dices ‘vístela’ tú le buscas la ropa.”

⁴ No original: “Yo le decía a la administradora del tiempo: ‘no me importa el cargo de auxiliar de cocina porque yo lo que necesito es trabajar’, [...] Porque ella decía: ‘¿Cómo pongo yo una persona con esos estudios que tú tienes entonces de auxiliar de cocina?’

⁵ No original: “en algunas empresas de medio ambiente, decían que mi currículo estaba demasiado porque tenía un doctorado. Entonces ahí comencé a poner menos cosas en mi currículum.”

⁶ No original: “todavía no me quería postular primero porque no domino la lengua portuguesa. Y, segundo quiero organizar con mis hijas todo el horario en la *creche* y yo tenga tiempo de llegar una entrevista porque yo no quería enviar un currículo que me llame: ‘Ah, no puedo ir a la entrevista’ y después no me van a llamar otra vez, entonces yo sé que eso no son muchas empresas, entonces yo no puedo perder la oportunidad de enviar un currículo si yo no tengo el tiempo, ni siquiera de ir a la entrevista.”

⁷ No original: “Por causa del idioma también. La, gente, muy amable, verdad todo el mundo te saluda y todo, pero no tienes como facilidad de falar, así es como difícil la gente quiere preguntar más, no te entiende a veces si la gente no se quiere hacer sentir mal de que no te entienden entonces la gente prefiere no hablar mucho para como que hacer que te enredas hablando, no me imagino que le da un poco de vergüenza, es como no saben hablar y no te entienden.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Bridget. New directions in migration studies: Towards methodological de-nationalism. **Comparative Migration Studies**, 7(1), 36. 2019 <https://doi.org/10.1186/s40878-019-0140-8>

BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da reprodução social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo, SP: Editora Elefante, 2023.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In. RICHARDSON, John. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. (p. 241–258). New York: Greenwood Press, 1986.

CASTLES, Stephen, HAAS, Hein De.; miller, Mark. **The Age of Migration**: International Population Movements in the Modern World. New York London: Guilford Publications, 2014.

COLEMAN, James. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1990.

_____. Social Capital in the Creation of Human Capital. **American Journal of Sociology**, 94(1), S95–S120. 1988.

DORNELAS, Paula . “Minha família é minha filha”: cuidados, gênero e maternidade nas trajetórias de mulheres migrantes no Brasil. **PERIPLoS**. Revista de investigación sobre Migraciones, 6(2), 102-131.

EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russell. (Orgs.). **Global Woman**: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy. New York, NY: Holt Paperbacks, 2004.

GLICK-SCHILLER, Nina; ÇAGLAR, Ayşe; GULDBRANDSEN, Thaddeus. Beyond the ethnic lens: Locality, globality, and born-again incorporation. **American Ethnologist**, 33(4), 612–633. 2006. <https://doi.org/10.1525/ae.2006.33.4.612>

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. **Sociological Theory**, 1, 201. 1983. <https://doi.org/10.2307/202051>

_____. **Getting a Job**: A Study of Contacts and Careers (2º ed). Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995. Disponível em: <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/G/bo3636056.html> . s/d de acesso.

- _____. The Impact of Social Structure on Economic Outcomes. **Journal of Economic Perspectives**, 19(1), 33–50. 2005. <https://doi.org/10.1257/0895330053147958>
- _____. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, 78(6), 1360–1380. 1973.
- GUEVARRA, Anna Romina. “Supermaids: The Racial Branding of Global Filipino Care Labour”. In: ANDERSON, Bridget; SHUTES, Isabel. **Migration and Care Labour: Theory, Policy and Politics**. p130–50. London: Palgrave Macmillan UK. 2014. https://doi.org/10.1057/9781137319708_8.
- GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: Participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 36, 1–26. 2019. <https://doi.org/10.20947/s0102-3098a0090>
- GUIZARDI, Menara Lube; TORRALBO, Hermínia González; STEFONI, Carolina. De feminismos y movibilidades. Debates críticos sobre migraciones y género en América Latina (1980-2018). **Rumbos TS**, (18), 37–66. 2018.
- HELAL, Diogo Henrique. Contextualizando a empregabilidade no Brasil: Papel do capital social. **Análise**, 18(2), 70–89. 2007.
- HIRATA, Helena. **O cuidado: teorias e práticas**. São Paulo, SP: Boitempo, 2022.
- HIRATA, Helena; DEBERT, Guita Grin. Apresentação. **Cadernos Pagu**, (46), 7–15. 2016. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460007>
- HOGAN, Joyce; BARRETT, Paul; HOGAN, Robert. Personality measurement, faking, and employment selection. **Journal of Applied Psychology**, 92(5), 1270–1285. 2007. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.92.5.1270>
- HOCHSCHILD, Arlie; MACHUNG, Anne. **The Second Shift: Working Families and the Revolution at Home**. New York: Penguin Books, 2012.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas | **Agência de Notícias**. 2020, junho 4. Recuperado 26 de junho de 2025, de Agência de Notícias—IBGE website: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>
- KOFMAN, Eleonore; RAGHURAM, Parvati. **Gendered Migrations and Global Social Reproduction**. London, UNITED KINGDOM: Palgrave Macmillan UK, 2015. <http://ebookcentral.proquest.com/lib/londonschoolecons/detail.action?docID=2006607>.

- KRENN, Manfred. “Effects of childcare responsibilities on women’s income and career”. **Eurofound. European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions** (blog). 12 de janeiro de 2009. <https://www.eurofound.europa.eu/en/resources/article/2009/effects-childcare-responsibilities-womens-income-and-career>.
- LALIVE, Rafael; OESCH, Daniel; PELLIZZARI, Michele “How Personal Relationships Affect Employment Outcomes: On the Role of Social Networks and Family Obligations”. In. SPINI, Dario; WIDMER, Eric. **Withstanding Vulnerability throughout Adult Life**. p.49–66. Singapore: Springer Nature Singapore, 2023. https://doi.org/10.1007/978-981-19-4567-0_4.
- LIMA, Jacob Carlos. A teoria do capital social na análise de políticas públicas. **Revista Política e Trabalho**, (17). 2001.
- LIMA, Jacob Carlos; CONSERVA, Marinalva de Souza. Redes sociais e mercado de trabalho: Entre o formal e o informal. **Trabalho: revista de ciências sociais**, 24, 73–98. 2006.
- LUTZ, Helma. “The Limits of European-Ness: Immigrant Women in Fortress Europe”. **Feminist Review**, 57 (1): 93–111. 1997. <https://doi.org/10.1080/014177897339678>.
- _____. “Care Migration: The Connectivity between Care Chains, Care Circulation and Transnational Social Inequality”. **Current Sociology**, 66 (4): 577–89. 2018. <https://doi.org/10.1177/0011392118765213>.
- MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria das mídias digitais: Linguagens, ambientes, redes** (2ª). Petrópolis, RJ. São Paulo: Vozes, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- MOULIN, Carolina Aguiar; MAGALHÃES, Bruno. “Operation shelter as humanitarian infrastructure: material and normative renderings of Venezuelan migration in Brazil”. **Citizenship Studies** 24 (5): 642–62. 2020. <https://doi.org/10.1080/13621025.2020.1784643>.
- NETTELBLADT, Gala; BOANO, Camillo Boano. “Infrastructures of reception: The spatial politics of refuge in Mannheim, Germany”. **Political Geography**, 71 (maio):78–90. 2019. <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2019.02.007>.
- PENG, Yinni; WONG, Odalia “Who Takes Care of My Left-Behind Children? Migrant Mothers and Caregivers in Transnational Child Care”. **Journal of Family Issues** 37 (14): 2021–44. 2016. <https://doi.org/10.1177/0192513X15578006>.
- PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. (The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, 530, 74–96. 1993.

- SCHOCHET, Leila. "The Child Care Crisis Is Keeping Women Out of the Workforce". **Center for American Progress** (blog). 28 de março de 2019. <https://www.americanprogress.org/article/child-care-crisis-keeping-women-workforce/>.
- SIMINTZI, Elena; XU, Sheng-Jun; XU, Ting. "**The Effect of Childcare Access on Women's Careers and Firm Performance**". SSRN Scholarly Paper. Rochester, NY: Social Science Research Network, 2024. <https://doi.org/10.2139/ssrn.4162092>.
- SOARES, Angelo. As emoções do care. In. HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. (Orgs.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. (p. 44–59). São Paulo: Atlas, 2012.
- SORJ, Bila. Socialização do cuidado e desigualdades sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, 26(1), 123–128. 2014.
- SU, Yvonne. **Remittances After Disasters**: Case Study of Tacloban City, Philippines After Typhoon Haiyan (Tese de Doutorado). University of Guelph, Canada, 2019.
- _____. Networks of recovery: Remittances, social capital and post-disaster recovery in Tacloban City, Philippines. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, 67, 102641. 2022. <https://doi.org/10.1016/j.ijdr.2021.102641>
- THOMAS, William Isaac; ZNANIECKI, Florian. **The Polish peasant in Europe and America**. New York: Octagon Books, 1974. Disponível em: http://archive.org/details/polishpeasantine0000thom_c0o1 . s/d acesso.
- TRUZZI, Oswaldo. Assimilação Ressignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, 55(2), 517–553. 2012. (Rio de Janeiro).
- UTENG, Tanu Priya; CRESSWELL, Teim. **Gendered Mobilities**. Transport and Society. Aldershot, England; Burlington, VT: Ashgate, 2008.

RESUMO

Este estudo investiga o impacto do trabalho reprodutivo na construção de redes sociais e na incorporação laboral de mulheres migrantes residentes de um município no interior de São Paulo. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se em 15 sociogramas e 6 entrevistas com mulheres latino-americanas participantes de um curso de Português como Língua de Acolhimento. Os resultados revelam que a maternidade intensifica a sobrecarga de cuidado, reduzindo os vínculos de ponte — laços sociais fundamentais para o acesso ao mercado de trabalho. Em contraste, mulheres sem filhos pequenos apresentaram maior diversidade e mobilização de redes sociais. A análise aponta que instituições como CRAS e igrejas exercem papel relevante na mediação de apoios. A pesquisa destaca a necessidade de políticas públicas que articulem trabalho e cuidado, reconhecendo a centralidade das redes sociais na integração de mulheres migrantes.

Palavras-chave: Migração; Gênero; Reprodução Social; Incorporação laboral; Capital social.

RESUMEN

Este estudio investiga el impacto del trabajo reproductivo en la construcción de redes sociales y en la incorporación laboral de mujeres migrantes en un pueblo en el interior del estado de São Paulo, Brasil. La investigación, de enfoque cualitativo, se basa en 15 sociogramas y 6 entrevistas con mujeres latinoamericanas participantes de un curso de Portugués como Lengua de Acogida. Los resultados revelan que la maternidad intensifica la carga del cuidado y reduce los vínculos puente —conexiones sociales fundamentales para acceder al mercado laboral. En cambio, las mujeres sin hijos pequeños mostraron redes sociales más diversas y movilizables. El análisis también destaca el papel de instituciones como CRAS e iglesias en la provisión de apoyo. El estudio refuerza la necesidad de políticas públicas que articulen trabajo y cuidado, reconociendo la centralidad de las redes sociales en la integración de mujeres migrantes.

Palabras-clave: Migración; Gênero; Reproducción social; Incorporación laboral; Capital social.

ABSTRACT

This study investigates the impact of reproductive labor on the construction of social networks and the labor incorporation of migrant women living in the countryside of São Paulo, Brazil. Based on a qualitative approach, the research draws from 15 sociograms and 6 interviews with Latin American women enrolled in a Portuguese as a Host Language course. The findings show that motherhood intensifies the care burden and reduces bridging ties — key social connections for accessing the labor market. In contrast, women without young children displayed more diverse and mobilizable social networks. The analysis also highlights the important role of institutions such as CRAS and churches in providing support. The study underscores the need for public policies that integrate work and care, recognizing the centrality of social networks in the integration of migrant women.

Keywords: Migration; Gender; Social Reproduction; Labor Incorporation; Social Capital.

